
Projeto de grupos operativos em uma instituição psicanalítica de pós-graduação e ensino: relato de experiência

Thalita Francieli Corso
Claudia Pereira Lassakoski
Nivia Rocha Silveira
Daniela Pereira Ribeiro
Aline da Silva Piason

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a construção de um projeto de grupos operativos para a disciplina de Estágio Básico III, realizado em uma instituição psicanalítica de pós-graduação e ensino, localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Teve como objetivo geral realizar uma intervenção psicossocial de promoção e prevenção de saúde em um grupo com idosos, e como objetivos específicos organizar uma intervenção em grupoterapia psicanalítica com idosos, na modalidade de grupos operativos, proporcionando a estes indivíduos um espaço de escuta, reflexão e convivência, ressignificando e elaborando questões inerentes ao envelhecimento, reforçando sua identidade e autoestima. Como método, é uma pesquisa de abordagem qualitativa, quanto à natureza aplicada, quanto aos objetivos descritiva e quanto ao procedimento um estudo de caso. Utilizaram-se entrevistas com profissionais da instituição, observações de triagens e pesquisa documental de pacientes a fim de selecionar o público-alvo do projeto. As participantes escolhidas foram mulheres entre 61 e 84 anos, pacientes da instituição, sem quadro grave de depressão ou quadro psicótico e que não fazem tratamento psicoterápico semanal. Embora o projeto tenha sido bem planejado, as participantes não compareceram aos encontros, sendo este analisado em sua proposta, considerando que o local tem como intervenções individuais e não grupais. Contudo, o projeto foi de extrema importância para as acadêmicas, ressaltando que foram realizadas intervenções psicológicas anteriores para o planejamento do grupo, possibilitando-nos refletir sobre os temas abordados, além do aprendizado e do contato com uma instituição profissional e seus projetos, bem como com a prática do psicólogo.

Palavras-chave: grupos operativos; envelhecimento; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma proposta de intervenção da disciplina de estágio básico III, do curso de Psicologia da Cesuca Faculdade Inedi, localizada em Cachoeirinha/RS. Tem como objetivo geral realizar uma intervenção em grupo com idosos em uma instituição psicanalítica de pós-graduação e ensino, que visa atenção psicossocial de promoção e prevenção da saúde. Como objetivos específicos, o projeto visa organizar uma intervenção em grupoterapia psicanalítica com idosos, na modalidade de grupos operativos, com o objetivo de proporcionar a estes indivíduos um espaço de escuta, reflexão e convivência, de maneira que estes possam ressignificar e elaborar questões inerentes ao envelhecimento, reforçando sua identidade e autoestima.

Compreende-se o ser humano em sua totalidade como um ser biopsicossocial e espiritual. Isso significa que o indivíduo é constituído por características de natureza biológica, psicológica, social e espiritual, sendo assim influenciado em diversos contextos, desde o seu nascimento até o fim da vida, conforme Motta e Junior (2011).

A utilização da psicologia grupal como instrumento de intervenção vem da ideia de que o ser humano, desde sua origem biológica, está inserido em grupos os quais influenciam seu processo de desenvolvimento. De acordo com Zimerman (2007), o ser humano existe (ou subsiste) a partir das suas interações sociais e grupais, as quais possibilitam-no buscar sua identidade individual, além da necessidade de uma identidade grupal - bem como o sentimento de “pertencência” ao grupo.

Segundo Mendes (2014), a experiência clínica tem demonstrado cada vez mais que idosos de diversas idades se beneficiam com auxílio de psicoterapia. A psicogerontologia e o enfoque psicoterápico nesta faixa etária proporcionam aos idosos um “restabelecimento de seu equilíbrio após fases de distúrbios emocionais que irrompem após doenças limitantes, viuvez, aposentadoria ou outros momentos de crise” (p.20). E, embora nessa fase do ciclo vital tenhamos a ideia de que Tanatos (pulsão de morte) supera Eros (pulsão de vida) e os desejos vão se esvaindo, as intervenções na terceira idade fazem-se importantes de maneira a reintegrar esse indivíduo à sua própria história e identidade, e auxiliá-lo a se ajustar às novas realidades, bem como a auxiliá-lo a conservar sua independência e autonomia enquanto sujeito a partir de um espaço de escuta e acolhimento.

Segundo Feldman e Papalia (2013),

“A população global está envelhecendo. Em 2008 quase 56 milhões de pessoas no mundo tinham 65 anos ou mais, e o incremento anual líquido é de 870 mil por mês. Até 2040, projeta-se uma população total dessa faixa etária de 1,3 bilhões. Estima-se que em 10 anos pessoas com 65 anos ou mais pela primeira vez estarão em maior número que crianças de 5 anos ou menos”. (p.572)

De acordo com as autoras, uma das causas do envelhecimento é o alto índice de nascimento e a alta taxa de imigração no começo do século XX, e uma tendência para famílias menores na atualidade, acompanhado de crescimento econômico, melhor nutrição, e estilo de vida. Para Feldman e Papalia (2013), a quantidade de pessoas saudáveis e fisicamente capazes dessa população é encorajadora, pois muitos problemas que costumavam ser inevitáveis agora são entendidos como resultantes no estilo de vida ou doenças, e não do envelhecimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O envelhecimento primário é um processo gradual e inevitável de deterioração física, que começa cedo na vida e continua ao longo dos anos, não importa o que as pessoas fazem para evitá-lo (Feldman e Papalia, 2013). Nessa visão, o envelhecimento é uma consequência inevitável de ser velho. O envelhecimento secundário resulta de doenças abusos e maus hábitos, fatores que podem ser controlados.

Atualmente, os cientistas sociais especialistas em envelhecimentos referem-se a três grupos adulto mais velhos: o adulto jovem, o idoso-idoso e o idoso mais velho. Cronologicamente, o adulto jovem são pessoas entre 65 e 74 anos, que em geral são ativas, animadas e vigorosas. O idoso idoso, pessoas entre 75 e 84 anos, e o idoso mais velho de 85 anos em diante, são mais propensos a uma condição de fragilidade e doença, e têm dificuldade de administrar as atividades diárias da vida (Feldman e Papalia, 2013).

Ligia Py (2004) afirma que,

“[...] no envelhecimento, o trabalho do luto se constitui no penoso processo psíquico que o idoso percorre, implicando a necessidade de elaboração do vínculo afetivo com aquilo que sente perdido e que o social soberanamente glorifica: o corpo jovem e a beleza; o poder e o status do trabalho e, ainda, pessoas do seu convívio que começam a morrer.” (p.122)

Frente a todas essas questões quanto ao envelhecimento, e no intuito de trabalharmos promovendo e prevenindo a saúde do grupo de idosos no qual nos propusemos a trabalhar, utilizaremos a ferramenta dos grupos operativos, teoria esta que é estruturada pelo argentino psiquiatra e psicanalista Enrique Pichon-Rivière (1907-1977), que utiliza referencial das teorias da psicanálise e da dinâmica de grupos. Na intervenção de grupos operativos, os integrantes mantêm a atenção centrada na tarefa, assim dessa forma procura-se com essa atividade promover o

relacionamento interpessoal entre os integrantes do grupo. A relação dos participantes com a tarefa é o que caracteriza os grupos operativos, logo, para Pichon, a tarefa no processo grupal é muito importante (Osório, 2003).

Segundo Osório(2003):

“Pichon-Rivière observa que, quando se está aprendendo, embora não conscientemente, estamos abandonando formas estereotipadas de ver o mundo ou a realidade, tal qual ocorre em um processo terapêutico, assim como podemos entender a dificuldade ou a resistência a curar-se como perturbações da aprendizagem.” (p.29)

O grupo frente a uma tarefa neste trabalho operativo tende a compreender seus problemas individuais, auxiliando na busca da solução dos mesmos. Segundo Osório (2003), o conceito fundamental de Esquema Conceitual referencial e Operativo-ECRO, trazido por Pichon nos diz que cada indivíduo que possui os seus valores, crenças, medos e fantasias, inter-relacionam-se com os demais, nos quais também possuem seus ECROs. Contudo, quando essa articulação não ocorre, observa-se a dificuldade de diálogo entre um e outro, bem como no grupo, uma vez que existem ECROs diferentes no mesmo. Diante disso, é de suma importância pensar coletivamente, a fim de que supere-se essa dificuldade e construa-se um ECRO grupal para que o interesse coletivo destaque-se frente aos individuais.

Existem três momentos nos grupos operativos à saber: pré-tarefa, tarefa e projeto. A pré-tarefa é uma situação defensiva que se forma a resistência à mudança, mobilizada pelas ansiedades de perda e ataque. A tarefa é a concretização da ação planejada para atingir os objetivos propostos (Osório, 2003). Isto é, a tarefa é o caminho em direção a finalidade que o grupo estabelece.

Outros conceitos importantes para Pichon-Riviere, segundo Osório (2003) são a horizontalidade e a verticalidade que precisam estar presentes num grupo operativo, pois se conjugam na psicoterapia de grupos. A horizontalidade constituída de um compartilhamento de ideias com um denominador comum, pode ser consciente ou inconsciente. Já a verticalidade está diretamente voltada a história dos indivíduos, e seus papéis na sociedade.

A partir da articulação entre a horizontalidade e a verticalidade é que surgirá o emergente grupal. O emergente grupal é a nova situação que surge da anterior, é quando o implícito se torna explícito e é manifestado pelo grupo através do porta-voz. A horizontalidade e a verticalidade em um grupo operativo se conjugam nos papéis que cada indivíduo assumirá no grupo. Como vimos, um grupo operativo compartilha experiências individuais em função de interesses comuns, criando assim

uma história nova com uma identidade grupal. Vale ressaltar que para o bom funcionamento do grupo, faz-se necessário a existência de um facilitador que receberá o papel de coordenador do grupo, a fim de comandar e manter focado o interesse do mesmo (Nascimento, 2011).

3 METODOLOGIA

O Projeto de Estágio Básico III foi desenvolvido em uma instituição de Pós-graduação Lato Sensu em Psiquiatria e Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. A instituição mantém convênios didáticos com Faculdades, e de pesquisa com Universidades, Hospitais e outras instituições gaúchas, bem como de outros estados com o intuito de qualificar alunos com excelência. Possui um corpo docente de especialistas nas áreas de psiquiatria e psicoterapia psicanalítica, bem como de mestres e doutores.

Como método de pesquisa e seleção de participantes, dentro da proposta de Grupoterapia, utilizou-se a pesquisa de abordagem qualitativa; de natureza aplicada; quanto aos objetivos descritiva e quanto ao procedimento um estudo de caso. Utilizaram-se como instrumentos de intervenção a revisão de literatura, entrevistas com profissionais da instituição, observações de triagens e análise de prontuários dos pacientes do ambulatório de psiquiatria geriátrica. Entre os critérios de admissão estavam: ser paciente da instituição; ter a partir de 60 anos de idade; sexo feminino; não possuir quadro grave de depressão; não possuir quadro psicótico ou de alucinações e não se tratar semanalmente em psicoterapia. Foram selecionadas doze participantes. A partir das pesquisas, nomeou-se o grupo de “Entendendo a Maturidade”.

Foram planejados, em um primeiro momento, três encontros para o grupo: sendo o primeiro encontro um acolhimento, a fim de as participantes poderem se conhecer, criar vínculos e sentirem-se pertencentes ao grupo; o segundo uma atividade dinâmica, em que as participantes poderiam compartilhar sentimentos positivos e negativos em relação ao processo de envelhecimento; e a partir dos temas emergentes desta atividade, trabalhariam-se as dinâmicas seguintes. A fim de definir os últimos ajustes, marcou-se uma reunião com a supervisora local que acompanharia as estagiárias no grupo. Nesta reunião, definiu-se o nome do grupo e conversamos sobre algumas situações que poderiam ocorrer com os encontros em andamento. Passaram-se as informações necessárias para as secretárias da instituição, de forma que estas fizessem o contato com as participantes, convidando-as para participar do grupo. Definiu-se essa forma de contato, tendo em vista que os pacientes já teriam

vínculo com as secretárias, passando assim maior credibilidade ao grupo. Os encontros ficaram para acontecer nos dias 5, 12 e 19 de junho de 2019, conforme a programação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro dia do grupo, foram disponibilizados lugares para que todas ficassem sentadas em círculo com o intuito de promover a aproximação e a acolhida entre as mesmas. Estávamos preparadas, em companhia da psicóloga supervisora que acompanharia nosso grupo, para que com a chegada das participantes iniciássemos as apresentações e os agradecimentos pela disponibilidade de cada uma em participar do grupo “Entendendo a Maturidade”. Em seguida, faríamos um contrato verbal de trabalho, explicando como funcionaria o grupo e quanto ao sigilo de tudo o que fosse nele conversado. O que não ocorreu, pois neste primeiro dia não aparecera nenhuma participante. Questionamo-nos sobre o que poderia ter ocasionado tal situação, e combinamos de intensificarmos as ligações telefônicas para as mesmas, a fim de que pudéssemos lembrá-las do encontro e para melhor organizarem-se a comparecer no próximo dia. O sentimento que surgiu neste momento foi a ansiedade, pois esperava-se para colocar em prática tudo o que havíamos preparado com dedicação e estudo sobre grupos no decorrer de todo o semestre letivo.

Chegou então o dia do segundo encontro e novamente estávamos na sala, preparada com as cadeiras em círculo, com nossa vontade de acolher, compreender, entender as participantes nesta etapa de vida, acreditando que naquele dia alguém apareceria. O que novamente, para nossa preocupação, questionamentos, reflexão e frustração, não ocorrera. Neste dia, saímos do instituto bem além do horário previsto para o funcionamento do grupo, pois, auxiliadas pela psicóloga que nos acompanhava, fizemos reflexões e questionamentos sobre as possibilidades que pudessem ter acontecido para que nenhuma das doze mulheres tivessem comparecido nem no primeiro, nem no segundo encontro. Ainda neste dia, saímos mobilizadas quanto as nossas emoções e os nossos questionamentos frente ao nosso “não controle”, pois, assim como em qualquer outro ambiente terapêutico, é preciso que tenhamos consciência de que somos facilitadores para que as situações aconteçam, mas não podemos atuar na mudança se o sujeito assim não o desejar, quanto menos mobilizá-lo à que procure terapia, quer seja em um grupo, quer seja individual.

De todo modo, mais uma vez combinou-se com as secretárias um novo contato para reforçar o convite às participantes para a terceira semana do grupo. Estas assim o fizeram, e obtiveram como retorno a confirmação de presença de seis senhoras. Obviamente, ficamos felizes, e de certa forma confiantes que neste terceiro encontro, teríamos a participação dessas integrantes confirmadas pelas secretárias da instituição. Fato este que não aconteceu.

Diante dessas três tentativas de mobilizar um grupo na instituição, fora impossível não nos questionarmos quanto as possíveis causas do não comparecimento ao grupo. Primeiramente, pensou-se que poderia ser em função do clima, pois a primeira semana de encontro fora marcada por muitos dias antecedentes de chuva, e justamente no dia programado o tempo ficou limpo e ensolarado - propício para que se pudessem realizar outras atividades externas que vinham sendo atrapalhadas pelo tempo chuvoso, como ir ao médico, lavar roupas ou outras particularidades que fossem de interesse. Porém, nas outras semanas o tempo permanecera firme e sem chuva. Teria sido então o dia da semana? Optou-se pela quarta-feira para a realização do encontro, pois seria um dos dias da semana com maior disponibilidade de salas na instituição. Quem sabe o horário das 15 horas não tivesse sido o melhor para estas participantes? Quando pensou-se neste horário, baseamo-nos também na conversa que tivemos com o psiquiatra do ambulatório de geriatria do local, o qual nos sugeriu que este seria o ideal, tendo em vista que nem atrapalharia muito a rotina e horário de almoço das idosas, e também evitaria que voltassem muito tarde para casa, pois sabe-se que nessa época do ano tem-se um frio característico e os dias tendem a escurecer mais cedo. Pensou-se, ainda, que talvez o tempo de trabalharmos esse convite pudera ter sido muito curto, afinal, a correria do dia a dia toma-nos de tal forma que é preciso muita organização e planejamento para darmos conta de tudo o que nos espera, fato este que pode ter sido a realidade de algumas participantes - corroborado segundo o relato de uma das secretárias, que ao contatar uma candidata ao grupo foi informada que esta gostaria muito de participar, mas dependeria de um filho que trabalha e não poderia levá-la naquele horário. Bem como uma outra candidata, que também demonstrou interesse, mas que disse ter que ajudar uma filha no cuidado da neta, ficando complicado para comparecer aos encontros.

Mas e quanto a nós, idealizadoras do grupo? Como nos sentimos? O que nos fez refletir tudo isso? Foi extremamente rico na possibilidade de reflexão quanto a importância de trabalharmos, enquanto acadêmicas de Psicologia, assim como na vida, a ansiedade, o medo e a frustração. Ela aguça nossa curiosidade assim como o prazer pela novidade e a vontade de corrermos riscos nas relações. De acordo com Dalgalarrondo (2008), o medo, é “caracterizado por referir-se a um objeto

mais ou menos preciso” (p. 166), sendo inerente a nossa vontade, presente em tudo que é novo em nossas vidas. Já a frustração, para Moura & Pasquali (2006), é negativa e representa tristeza por não ter-se alcançado um objetivo ou meta que tivera sido estabelecido previamente.

Tudo isso faz parte da vida: vida real, acadêmica, e não possuímos controle sobre tais fatos adversos aos nossos desejos e sonhos. A nós, cabe buscar compreender, refletir e elaborar estes sentimentos, para que possamos nos tornar mais resilientes frente às adversidades da vida, de maneira que saibamos utilizar nosso vasto repertório emocional da melhor forma possível. Conforme Canguilhem (2002), saúde é a capacidade de adaptarmo-nos às diversas situações que a vida nos apresenta, da melhor forma, com o mínimo de dor possível, e esses “não encontros” do grupo “Entendendo a Maturidade”, o qual fora idealizado, pensado, planejado e elaborado com estudo e dedicação, fora também um momento de crescimento frente a adversidade da falta: falta de participantes do grupo e falta de possibilidade de atuarmos enquanto psicólogas em construção que somos.

Em contrapartida, o sentimento de dever cumprido também faz-se presente entre nós, pois a demanda e o desejo da instituição de montarmos um projeto de grupos conseguimos realizá-lo - cremos nós que com ética, postura e dedicação. Ficando assim abertas as portas para que se reflita na possibilidade de outros grupos, como talvez um grupo de pais de adolescentes em tratamento na instituição, ou um grupo de ansiosos, enfim. São tantas as possibilidades que isso nos impulsiona para que continuemos confiantes e com o desejo de atuar com grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto mostrou-se de extrema importância para as acadêmicas. Embora os resultados finais não tenham sido os desejados, todo o processo de criação e planejamento do grupo foram relevantes ao processo de aprendizagem e prática enquanto estagiárias. Compreendemos que o projeto de grupos operativos nos possibilitou entrar mais em contato com uma instituição profissional, profissionais da saúde mental e algumas técnicas importantes dentro da Psicologia dos Grupos e da própria Psicanálise.

O estudo sobre aspectos da terceira idade nos propiciou um olhar mais atento a esse público que vem crescendo constantemente, bem como a perceber quem são os idosos de hoje e quais fatores

estão ligados a esse crescimento populacional e a essa nova realidade - como a alimentação mais saudável, mudança de estilo de vida, entre outros.

O fato de o grupo “Entendendo a Maturidade” não ter realmente se concretizado também foi importante, de modo que nos proporcionou refletir sobre quais motivos podem ter levado a não-adesão a acontecer, e também, mas principalmente, a entender que nem tudo é de responsabilidade do psicólogo, sabendo que esta relação é uma via de dois lados, e que muitas vezes o que desejamos para nosso paciente pode não estar de acordo com o que o paciente deseja para si - aprendendo, assim, a lidar com a frustração. Destacamos ainda importância de poder trabalhar o projeto para a instituição, e também a pertinência do trabalho com a terceira idade.

Hoje existe um desejo ardente destes idosos de ter qualidade de vida, em aproveitamento do seu tempo e pela busca da longevidade. A base do nosso grupo era Entender a Maturidade, e embora não tenhamos tido contato com os mesmos, não podemos dizer que não concluímos o trabalho sem entendê-los, sem perceber suas necessidades, e que sim, eles precisam deste espaço, para que percebam que não estão sozinhos, mesmo que ainda existam resistências.

REFERÊNCIAS

- Canguilhem, G. (2002). *O normal e o patológico*. 5 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Dalgalarrondo, Paulo (2008). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Fiscmann, J. B. (1997). *Como agem os grupos operativos?* In: Zimmerman, D. E. Osório, L. C. (org.) *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas. pp.95-100.
- Gerhardt, T. E. Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Mendes, T. A. B. (2014). *Geriatrics e Gerontologia. Manuais de Especialização Einstein*. Vol. 8. Barueri: Manole.
- Motta, P. R. e Junior, A. R. (2011) *Psicologia, Religião e espiritualidade: considerações sobre a natureza humana e o sentido existencial*. *Revista Educação*. 6(2).
- Moura, C.F. & Pasquali, L. (2006) *Construção de um teste objetivo de resistência à frustração*. *PsicoUSF*, 11(2), 137-146.
- Nascimento, J.S.F. (2011). *Grupo operativo: oportunidade para promoção da saúde*. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado, Curso de Especialização em Atenção Básica de Saúde da Família. UFMG: Campos Gerais.
- Osório, L.C. (2003). *Psicoterapia Grupal: Uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: ArtMed.
- Papalia, E. D; Feldman, D. R. (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12.ed. Porto Alegre: Artmed.
- Py, L. (2004). *Envelhecimento e subjetividade*. In *Tempo de envelhecer*. Rio de Janeiro: Nau Editores.
- Zimmerman, D. E. (2007). *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. 2ed. Porto Alegre: Artmed.